

Biblioteca Anarquista



SocialDemocracia e Anarquismo

Rudolf Rocker

Rudolf Rocker
SocialDemocracia e Anarquismo

<https://es.theanarchistlibrary.org/library/rudolf-rocker-socialdemocra>

Titulo Original: *Socialdemocracia y anarquismo*. Tradução e Revisão por
André Tunes @Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou
em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu
conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

A oposição entre a social-democracia e anarquismo reside não apenas na diversidade de seus métodos táticos, mas principalmente em diferenças de princípios. Essas são duas concepções diferentes da posição do indivíduo na sociedade, de duas diferentes interpretações do socialismo. A partir dessa diferença nas premissas teóricas, a diferença na escolha dos métodos táticos resulta em si mesma.

A social-democracia, principalmente nos países germânicos e na Rússia, é preferencialmente intitulado um partido do “socialismo científico” e aceita a doutrina marxista, que serve como base teórica para seu programa. Seus representantes afirmam que o futuro da sociedade deve ser considerado como uma série indefinida de necessidades históricas cujas causas devem ser buscadas nas condições de produção de cada momento. Essas necessidades encontram sua expressão prática na contínua luta de classes divididas em campos inimigos por diferentes interesses econômicos. As condições econômicas, isto é, a maneira pela qual os homens produzem e modificam seus produtos, constituem a base férrea de todas as outras manifestações sociais ou, para usar a frase de Marx, “a estrutura econômica da sociedade é a base real que é a superestrutura jurídica e política e à qual responde uma certa forma de consciência social”. Representações religiosas, ideias, princípios morais, normas legais, manifestações volitivas, etc., são meros resultados das condições de produção de cada momento, porque é “a forma de produção da vida material que determina o processo de vida social, política e psíquica”. Não é a consciência dos homens que molda as condições em que vivem, mas, inversamente, as condições econômicas que determinam sua consciência.

Assim, o socialismo considerado não é a invenção de algumas cabeças engenhosas, mas um produto lógico e inevitável do desenvolvimento capitalista. O capitalismo deve primeiro criar as condições de produção – divisão do trabalho e centralização industrial – nas quais somente o socialismo pode ser realizado. Sua realização não depende da vontade humana, mas apenas de um certo grau de evolução das condições de produção. O capitalismo é a premissa necessária e inescapável que deve levar ao socialismo; Seu significado revolucionário está precisamente em que ele carrega dentro de si, desde o início, o germe de sua própria destruição. A burguesia moderna, na qual se encontra o capitalismo, teve que chamar a vida para fundar seu poder, o proletariado moderno, criando assim seus próprios agentes funerários. Porque o desenvolvimento do capitalismo é levado a cabo com o rigor de uma lei natural de formas perfeitamente

legalidade ao sistema de mentiras e injustiças sociais e induzir o escravo a selar a si mesmo, com o selo da lei, sua própria escravidão. O método tático do anarquismo é a ação direta contra os defensores do monopólio e do Estado; tenta iluminar a consciência das massas pela palavra falada e escrita. Participa de todas as lutas diretas, econômicas e políticas, dos oprimidos contra o sistema de escravidão assalariada e da tirania do Estado e tenta comunicar a essas lutas, por meio de sua colaboração, um significado social mais profundo, tenta encorajar as próprias iniciativas das massas e fortalecer o senso de responsabilidade nelas. Os anarquistas são os genuínos defensores da revolução social, aqueles que realizam por todos os meios a guerra contra o poder e contra a exploração do homem pelo homem, aqueles que têm como batalha sinalizar a libertação social, econômica e política do povo e da humanidade. Eles constituem as hostes do socialismo libertário, os arautos da civilização social do futuro.

determinadas, das quais não há possibilidade de fuga. Pois é na essência desse desenvolvimento absorver pequenas e médias empresas industriais, substituindo-as por empresas cada vez maiores, de modo que as riquezas sociais estejam cada vez mais concentradas em menos mãos. Ao mesmo tempo, a proletarização da sociedade está ocorrendo de forma irreprimível, até que finalmente chega o momento em que uma imensa maioria de escravos assalariados e uma pequena minoria de empresários capitalistas se defrontam. E como até lá o capitalismo se tornaria um obstáculo à produção, necessariamente virá a época da revolução social, o momento em que a “expropriação dos expropriadores” pode ser realizada.

Para que o proletariado esteja em posição de assumir a direção da terra e dos meios de produção, ele deve tomar o poder político antes, que após um certo período de transição, isto é, após a supressão total das classes, se extinguirá gradualmente. A conquista do poder político é, portanto, a principal tarefa da classe trabalhadora e, para preparar a realização desse trabalho, é necessário que os trabalhadores se organizem em um partido político independente para a luta política contra a burguesia. Neste conjunto de idéias, a social-democracia transformou a ação parlamentar no ponto central de sua propaganda, subordinando todas as outras formas de ação a ela. Sob a influência da social-democracia alemã, a maioria dos partidos socialistas dos outros países adotou o mesmo caráter em maior ou menor grau. Ao longo dos últimos cinquenta anos, eles conseguiram organizar milhões de trabalhadores em suas fileiras, para se levantar em todos os órgãos legislativos do Estado moderno de classe e para penetrar em numerosos casos para o ramo executivo do governo. Uma imprensa fortemente desenvolvida e uma propaganda impressa em larga escala têm constantemente abertos novos círculos sociais à social-democracia na classe trabalhadora e na classe média. Este trabalho ainda é apoiado por um exército inteiro de agitadores assalariados e funcionários do partido que agem no interesse de suas respectivas organizações. Com a exclusão de anarquistas e outras tendências que repudiam a ação parlamentar, a social-democracia alemã conseguiu eliminar sistematicamente toda a oposição real nos congressos socialistas internacionais. Deste modo, onde quer que fosse obedecido por massas operárias consideráveis, este partido desenvolveu-se como Estado dentro do Estado e, durante muitos anos, esteve em posição de esmagar, com um desrespeito sistemático e inescrupuloso, todas as outras tendências socialistas. Somente a terrível catástrofe de 1914 revelou o verdadeiro caráter da social-democracia, des-

truiu seu prestígio internacional e abriu uma brecha em um prédio que parecia ser sempre invulnerável a qualquer ataque.

O anarquismo, isto é, aquela tendência na ideologia do socialismo que é mais irreconciliável com a social-democracia, parte de outras premissas em suas ideias sobre as condições sociais e a posição do indivíduo na evolução histórica. Seus defensores de modo algum ignoram a poderosa influência das condições econômicas no processo geral de evolução social, mas rejeitam a fórmula unilateral e fatalista que Marx deu a essa verificação. Eles são todos da opinião de que a pesquisa e a apreciação dos fenômenos sociais podem prosseguir por métodos científicos, mas que não é de modo algum lícito considerar a história e a sociologia como ciências. A ciência apenas reconhece aqueles fatos certos que foram irrefutavelmente estabelecidos pela observação ou experimentação. Nesse sentido, apenas as chamadas ciências “exatas”, como física, química etc., podem ser consideradas científicas. A famosa lei da gravitação de Isaac Newton, que suporta todos os nossos cálculos astronômicos, é uma lei natural, científica, porque é verificada em todos os casos e nunca admite “a exceção à regra”.

O desenvolvimento de formas sociais na história não ocorre, contudo, com a necessidade forçada das leis da física. Podemos realmente fazer conjecturas sobre a conformação social das condições de vida futuras, mas não há ciência capaz de prever as condições sociais do futuro e estabelecê-las cientificamente, como o período de revolução de um planeta pode ser calculado. E é complicado e muito desconhecido são até seus detalhes elementares, de modo que podemos falar de um que a história das formas sociais é uma lei natural muito forte que pode servir como base para avaliar, mesmo com relativa certeza, as forças motrizes da evolução histórica no passado ou talvez até para descobrir as formas sociais do futuro. Por esta razão, o socialismo não é uma ciência, não pode ser, e o que quer que seja dito de um “socialismo científico” é presunção vaidosa e ignorância frívola dos verdadeiros princípios da ciência.

Quem aceitar a concepção anarquista não compartilhará a crença de que o desenvolvimento das condições econômicas deve inevitavelmente levar ao socialismo, que o sistema capitalista já carrega, por assim dizer, o germe do socialismo e que é necessário apenas esperar pela sua maturidade para que quebre o invólucro. Ele verá nesta crença nada mais do que a tradução do fatalismo religioso para o campo da economia, que é igualmente perigoso, já que ambas as crenças paralisam o sentimento

Somente com a formação do Estado moderno começa a era do centralismo. A Igreja e o Estado foram seus primeiros e mais notáveis representantes. Os determinantes da nova forma de organização não eram mais os interesses da comunidade, mas os interesses das minorias privilegiadas que fundaram seu poder na exploração e na escravidão da grande massa. O federalismo, a organização natural de baixo para cima, foi substituído pelo centralismo, a organização artificial de cima para baixo. A liberdade teve que ceder ao despotismo, o antigo direito consuetudinário foi transformado em lei, a variedade em uniformidade e esquema, educação e formação de personalidade em domesticação intelectual, responsabilidade pessoal em obediência cega, cidadão livre em súdito.

O fato de ter copiado sua forma de organização nos modelos fornecidos pelo Estado é significativo para o caráter despótico da social-democracia. A disciplina sempre foi e continua sendo a mais característica de seus métodos educacionais e com os mesmos meios pelos quais o Estado forma súditos leais e bons soldados, a social-democracia forma parceiros de disciplina comprovada. Ela uniu milhões de apoiadores sob sua bandeira, mas também sufocou a iniciativa frutífera e a capacidade de ação autônoma entre as massas. Finalmente, gerou um governo árido de funcionários, uma nova hierarquia, um tipo de providência política antes da qual a livre iniciativa e a independência de pensamento devem diminuir as velas.

Só assim se pode explicar que a social-democracia extraviou completamente sua ação na atmosfera plana do parlamentarismo burguês, que as pequenas e mesquinhas políticas da época poderiam constituir o ambiente espiritual de toda a sua propaganda. Ela organizou seus constituintes como o Estado de seus exércitos e ergueu, como este em princípio supremo, a impotência espiritual. No caminho do poder político, enterrou tudo o que originalmente tinha nele como socialista, de modo que nada foi deixado a não ser um capitalismo de estado encoberto que entra no mercado político sob um rótulo falso.

A burguesia ainda não encontrou seu “próprio agente funerário”, mas certamente não é por causa da social-democracia que ainda não conseguiu se tornar o agente funerário do socialismo.

O anarquismo é o inimigo indomável do Estado; rejeita, em princípio, toda a colaboração nos órgãos legislativos, todas as formas de ação parlamentar. Seus partidários sabem que nem mesmo a lei eleitoral mais livre poderá mitigar os contrastes abismais da sociedade moderna e que o sistema parlamentar não tem outro objetivo senão o de dar aparência de

pação individual que no bem-estar toca a cada ser, até que ponto este está em condições de satisfazer dentro do quadro da coletividade suas inclinações, desejos e necessidades de liberdade. Segundo esses dados, formulará seu julgamento sobre a natureza geral da sociedade. Para o anarquista, a liberdade pessoal não é uma representação indefinida e abstrata, mas concebe-a como a possibilidade prática de que cada um desenvolva suas forças, talentos e aptidões naturais. E como reconhece na consciência da personalidade, a expressão suprema do instinto de liberdade rejeita fundamentalmente qualquer princípio de autoridade, qualquer ideologia de força bruta. A completa liberdade baseada na igualdade econômica e social é para ele a única premissa de um futuro digno do homem. Só nestas condições pode haver, segundo a sua opinião, a possibilidade de que o sentimento de responsabilidade pessoal e o desenvolvimento da consciência viva da solidariedade a tal ponto que os seus desejos e as necessidades aparecem, por assim dizer, como os resultados de seus sentimentos sociais.

Para o caráter dos movimentos sociais, sua forma libertária de organização é de importância decisiva; é o que melhor responde à sua natureza íntima; Por isso, é natural que também haja um abismo insuperável entre a social-democracia e o anarquismo. Os defensores da social-democracia, sejam majoritários, independentes ou “comunistas”, são, por convicção íntima, jacobinos, representantes do princípio da centralização. A social-democracia é por sua própria natureza centralista, assim como o federalismo responde melhor à natureza íntima do anarquismo. O federalismo sempre foi a forma natural de organização de todas as correntes e instituições realmente sociais baseadas em interesses coletivos, como, por exemplo, as federações livres das tribos nos tempos primitivos, as federações das cooperativas de as feiras do começo da Idade Média, as guildas ou corporações de artesãos e artistas nas cidades livres e as uniões federativas das comunas livres às quais a Europa deve uma cultura tão maravilhosa. Estas têm sido verdadeiras normas sociais de organização, no sentido amplo da palavra; neles eles harmonizaram a atividade individual livre e os interesses gerais da comunidade; eles eram grupos humanos gerados espontaneamente pelas necessidades da vida. Cada grupo era senhor de seus próprios assuntos e era federado ao mesmo tempo para outras corporações pela defesa e prosperidade de seus interesses comuns. O interesse coletivo era o eixo de suas aspirações e a organização de baixo para cima era a expressão mais completa dessas aspirações.

impulsivo e o instinto de ação e engendram, em vez de uma visão viva em constante luta para ampliar suas perspectivas, a mesma fé dogmática e rígida. O anarquismo de modo algum vê na divisão do trabalho e na centralização industrial as condições que devem nos levar ao socialismo, mas, ao contrário, as condições elementares do sistema capitalista de exploração, fortemente opostas por sua própria essência ao socialismo. Pode levar o desenvolvimento econômico a novas fases de existência social, mas também pode significar o declínio de toda a civilização. A terrível catástrofe da guerra mundial fala, nesse sentido, uma linguagem eloquente para todos aqueles que têm ouvidos e querem ouvir. Se os povos da Europa não conseguirem sair do caos atual para formas novas e superiores de civilização social, nenhum profeta será capaz de pressagiar para o que a fatalidade do abismo nos arrasta.

Não, o socialismo não virá porque deve vir com a inalterabilidade de uma lei natural; Só virá se os homens estiverem armados com a firme vontade e força necessárias para colocá-lo em prática. Nem o tempo, nem as condições econômicas, apenas a nossa convicção interior, a nossa vontade, pode estabelecer a ponte que leva do mundo da escravidão assalariada à nova terra do socialismo.

Os anarquistas também não compartilham a visão de que a evolução das formas sociais capitalistas constitui o antecedente psicológico necessário que prepara a mentalidade do proletariado. A Inglaterra, a pátria do capitalismo e da grande indústria, ainda não causou um movimento socialista significativo, enquanto outros países com quase exclusivamente a economia agrária, como a Andaluzia e o sul da Itália, têm há muitos anos fortes organizações socialistas. O camponês russo, que ainda trabalha em condições primitivas de produção, está mais próximo da ideologia socialista porque está ligado aos seus vizinhos muito mais intimamente do que nós. O comunismo agrário que o camponês russo praticou durante séculos implica uma constante colaboração e solidariedade, e assim desenvolveu um instinto social tal que dificilmente será encontrado o mesmo no proletariado industrial da Europa Ocidental e Central. No entanto, os teóricos da socialdemocracia russa anunciaram em nome da ciência que as antigas instituições comunais da população rural russa estão destinadas a desaparecer porque não estão de acordo com o desenvolvimento moderno e, conseqüentemente, constituem um obstáculo ao socialismo.

Para os defensores do anarquismo, as formas do Estado e da legislação não são exclusivamente a superestrutura política da estrutura econômica

da sociedade; ideias, conceitos de justiça e outras formas de consciência humana não são meros produtos do processo produtivo de cada momento, mas fatores determinantes do espírito humano que são, sim, influenciados pelas condições econômicas, mas reagem por sua vez às mesmas condições econômicas da sociedade. Desta forma, uma série infinita de efeitos recíprocos origina-se até que seja frequentemente impossível verificar um fator básico. Todas essas manifestações podem ser consideradas materiais e pode-se presumir com Proudhon que todo ideal é uma flor cujas raízes se encontram nas condições materiais da vida. Mas, neste caso, as condições econômicas seriam apenas uma parte daquelas chamadas condições materiais gerais; elas não constituiriam a base de ferro, determinante do processo evolucionário absoluto de todas as outras manifestações vitais da sociedade, mas estariam sujeitas à mesma interação, nunca interrompida, de todos os outros fatores da vida material. Por exemplo, o Estado seria, sem dúvida, antes de tudo um produto do monopólio privado da terra, uma instituição nascida com a divisão da sociedade em diferentes classes com diferentes interesses. Mas também teria que admitir que, uma vez existente, dedica todas as suas forças à perpetuação desse monopólio e à manutenção das diferenças entre as classes, a fim de preservar a escravidão econômica. Deste modo, o Estado tornou-se, no curso de sua evolução, o mais formidável organismo de exploração da humanidade. Tais efeitos recíprocos podem ser verificados à vontade em qualquer número e em todos os sentidos imagináveis; eles são verdadeiramente neomarxistas que são forçados a fazer contínuas e novas concessões em frente a crítica implacável que está destruindo sua interpretação da história.

Se para a social-democracia a conquista do poder político é a tarefa principal, antes da realização do socialismo, para o anarquismo é de importância decisiva a supressão de todo o poder político. O Estado não foi formado por um ato de vontade social, mas é uma instituição nascida em uma determinada época da história humana como resultado do monopólio e da divisão da sociedade em classes. O Estado não surgiu para a defesa dos direitos da comunidade, mas exclusivamente para a defesa dos interesses materiais das pequenas minorias privilegiadas em detrimento da grande massa. O Estado nada mais é do que o agente político das classes possuidoras, a força organizada que mantém o sistema de exploração econômica e o governo de classes. Eles variaram suas formas no curso da história, mas sua natureza essencial, sua missão histórica, é sempre a mesma. Para a grande massa do povo, o Estado, a qualquer momento e

em qualquer de suas formas, era apenas um instrumento brutal de opressão; É por isso que é impossível que sirva a essas mesmas massas um instrumento de libertação. A social-democracia, que em suas diferentes tonalidades ainda está mergulhada nas idéias do jacobinismo, acredita que é impossível prescindir do Estado, pois ele só concebe a realização do socialismo de alto a baixo, por meio de decretos e ucases¹. O anarquismo, que aspira à destruição do Estado, vê apenas um caminho para a implantação do socialismo e esse caminho vai de baixo para cima através da atividade criativa das próprias pessoas e com a ajuda de suas próprias organizações econômicas.

Surge aqui uma questão em que aparece claramente a diferença fundamental entre as duas tendências: a que diz respeito à posição do indivíduo na sociedade. Para os teóricos do socialismo, o indivíduo isolado é apenas um elemento insubstancial no mecanismo geral de produção social, uma “força de trabalho”, um instrumento inanimado de evolução econômica, que determina irrevogavelmente sua vida mental e suas manifestações volitivas. Essa concepção é o resultado necessário de toda a sua doutrina. Tão logo lidam com o indivíduo, sempre o consideram um produto social médio ao qual os conceitos gerais são rigorosamente aplicados. Os social-democratas conformaram-se a uma certa visão da realidade viva e são, de algum modo, vítimas de uma ilusão de ótica, pois confundem a ilusão de sua imaginação com a própria realidade. Eles não veem na evolução histórica senão as rodas mortas, o mecanismo externo, e assim facilmente esquecem que por trás das forças e condições de produção existem seres vivos, homens de carne e osso, com desejos, inclinações e suas próprias ideias e é por isso que as diferenças pessoais – que constituem, afinal, a verdadeira riqueza da vida – parecem-lhes apenas uma adição supérflua e a própria vida algo completamente incolor e esquemático.

O anarquismo também segue outros caminhos aqui. O ponto de partida de suas especulações sociais é o indivíduo isolado; não o indivíduo como uma sombra abstrata destacada de seu ambiente social, mas como uma entidade social ligada a outros homens por mil laços materiais e espirituais. Para apreciar o bem-estar social, a liberdade e a civilização de um povo anarquista não se baseiam na produção quantitativa ou na “liberdade” formal estabelecida em qualquer constituição ou no grau cultural de um determinado período. Torta para determinar ao contrário a partici-

¹ Ordem governamental tirânica e injusta.